

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Guilherme Junior Barreto

**“TÁ NA HORA DO RECREIO”: LAZER E SOCIABILIDADE ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL SEBASTIÃO PATRUS DE SOUSA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Prof. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra.

Juiz de Fora  
2018

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **GUILHERME JUNIOR BARRETO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472271A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**TÁ NA HORA DO RECREIO**": **LAZER E SOCIABILIDADE ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL SEBASTIÃO PATRUS DE SOUSA**, desenvolvido durante o período de 05 de março de 2018 a 29 de junho de 2018 sob a orientação de ROGÉRIA CAMPOS DE ALMEIDA DUTRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**GUILHERME JUNIOR BARRETO**

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# **“TÁ NA HORA DO RECREIO”: LAZER E SOCIABILIDADE ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL SEBASTIÃO PATRUS DE SOUSA**

Guilherme Junior Barreto<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar o momento de lazer e sociabilidade entre os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Sebastião Patrus de Sousa durante o recreio, através de uma pesquisa qualitativa, baseada na observação participante, bem como na realização de entrevistas com professores e alunos da escola. O tempo e o espaço escolar vêm sofrendo modificações, seja na forma de ensino, espaço físico ou nas relações sociais impactando diretamente no momento do intervalo dos alunos. Apesar da centralidade da sala de aula, como espaço de construção do conhecimento, procura-se enfatizar o momento do recreio como momento de aprendizagem em seu sentido amplo, contribuindo tanto para o desenvolvimento de atividades pedagógicas criativas como também para promover as interações sociais.

**PALAVRAS CHAVE:** Escola. Recreio. Lazer. Sociabilidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

De acordo com o nosso processo sócio-histórico o espaço escolar sempre foi passível de mudanças em vários aspectos, seja na forma de didática, na relação entre professor-aluno, seja nas relações entre os próprios alunos.

Mesmo sendo considerado, no sentido estrito, como um espaço de seriedade e aprendizado, o ambiente escolar não produz apenas o conhecimento técnico ou profissional, mas também prepara e alimenta as relações sociais, as formas de convivência social e seus conflitos. As relações sociais estão presentes em todos os espaços da escola e em todos os momentos, até mesmo em sala de aula os alunos conseguem se relacionar entre eles, no entanto, o ambiente que propõe uma maior possibilidade de encontros e relações sociais mais descontraídas é o momento do lazer na escola, principalmente no recreio.

O significado de recreio é muito amplo e a forma como é conduzido em cada escola traz grandes variações. Segundo o dicionário Michaelis (2008) a palavra tem seu significado relacionado à recreação, divertimento, prazer, tempo concedido aos alunos para brincarem no intervalo das aulas, momento supostamente agradável como forma de descanso e renovação. O recreio faz parte do espaço escolar durante toda a trajetória de ensino, mesmo que não seja reconhecido como parte do plano pedagógico de ensino, sempre esteve ligado às atividades escolares.

Segundo Lima (2004:3) o recreio pode ser definido como um “processo de aprimoramento da capacidade de socialização por meio da interação, da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.” Sendo assim, o recreio é local de preparo de convivência social onde é possível o educador perceber e analisar o comportamento dos alunos e a formação ou reprodução da intersecção de identidades sociais, ou seja, a formação de grupos e como se relacionam.

## **2. DICOTOMIA: LAZER NA ESCOLA?**

As atividades exercidas no recreio podem ser consideradas adequadas, se tratando de um espaço escolar? É necessário ter este momento para os alunos em uma instituição de ensino? Estes questionamentos se tornam frequentes uma vez que a escola é um local de aprendizado e requer disciplina, atenção e organização. O momento do intervalo, conhecido como recreio, se contrapõe a esses conceitos devido à correria, agitação, gritaria, brincadeiras, ou seja, neste momento os alunos adotam o comportamento descontraído, se desligam um pouco da tensão do ambiente escolar, se interagem com os colegas, além de terem maior liberdade para expressar sua própria identidade e se relacionar com diversos tipos de grupos.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: barretog471@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra.

O recreio traz em sua definição o fato de ser um período de descanso das atividades escolares e preparação para as próximas aulas do dia. Não há especificações históricas de como e quando surgiu, no entanto, já faz alguns anos em que a discussão sobre sua função fez com que passasse a ser considerado, junto à rotina escolar, como um momento de lazer contraposto aos momentos de aula.

Neste momento recreativo a brincadeira é o mais comum entre alunos como forma de relação social. Robert Havighurst (1953) ao analisar o desenvolvimento humano conceitua a brincadeira não apenas como uma distração, mas sim como um “campo experimental” para as situações da vida, momento de construção e aprendizagem das relações sociais e do convívio em grupo.

Havighurst nos permite compreender a escola como facilitadora de transformação do aprendizado (tanto de conhecimento quanto comportamental) através das relações sociais no espaço escolar. Propõe para este contexto o conceito de “tarefas recorrentes”, onde o ato de aprender, fazer amizades, conviver com outras pessoas são consideradas tarefas essenciais para o desenvolvimento humano e ao crescimento da vida pessoal de cada um. Essas tarefas vão se intensificando, acompanhando o processo de desenvolvimento físico, e psico-afetivo, promovendo o aprendizado da convivência com pessoas de ambos os sexos, não somente em questão de relações afetivas, mas também em relações impessoais. Portanto, a escola cumpre este papel de extrema importância no desenvolvimento do aluno para o convívio social e o recreio, por permitir uma possibilidade maior de comunicação e livre expressão, se apresenta como um dos fatores primordiais para que este processo de desenvolvimento ocorra, ou seja, mesmo sendo um recreio livre e sem proposta pedagógica direcionada, o recreio é fundamental e necessário.

Segundo as perspectivas de Vygotsk (1984) e Piaget (1977), o método de aprendizagem escolar em termos de interação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e maturação do ser humano. Afirmam também que a interação social se parte do homem com a natureza e do homem com outros homens, ou seja, as relações sociais podem ser afetadas também pelo ambiente em que os indivíduos estão inseridos, tempo e espaço sócio físico. Desta forma, o estudo das relações sociais e o espaço escolar vêm crescendo entre pesquisadores de diversas áreas, principalmente na área da educação como Freire (1996), Neuenfeldt (2005), Barbosa (2006), Fernandes e Elali (2008), Silva (2012) e entre outros.

Partindo deste pressuposto, surge a questão dicotômica do espaço escolar “sério”, da sala de aula, e o recreio livre: a escola seria um espaço para brincadeiras e lazer? Neuenfeldt (2005) aborda o recreio como uma atividade essencial no espaço escolar, pois se contrapõe a sala de aula, segundo ele um espaço estruturado e fechado. O autor ressalta a importância da estimulação do brincar, em diversas formas, sendo o recreio “livre” o local propício para sua ocorrência, devido as condições em que ocorre frequentemente: o espaço aberto, sem a supervisão de professores que transforma o espaço escolar em espaço lúdico, de lazer pontuado pela maior liberdade de ação e espontaneidade. Ao representar uma ruptura, ou pausa, ao momento formalizado da sala de aula promove também o incentivo aos alunos para que ampliem sua ocupação na escola, como as áreas externas, contribuindo para a contraposição das atividades “monótonas” de sala de aula.

Além disso, o espaço recreativo na escola se apresenta como alternativa à sociabilidade “livre” nas ruas, à exposição de crianças e adolescentes a lugares que podem oferecer risco, que vem sendo comprometida pela crescente violência nos centros urbanos. De acordo com uma reportagem do jornal local MGTV (G1), foi constatado no ano de 2017 o crescimento de homicídio e casos de violência na cidade de Juiz de Fora

Um levantamento feito pelo MGTV, com base em ocorrências policiais e informações obtidas em hospitais, aponta que chegou a 100 o número de homicídios registrados entre janeiro e setembro de 2017 em Juiz de Fora. Os dados foram divulgados nesta sexta-feira (6) e coincidem com os números apresentados pela Delegacia de Homicídios da cidade. (...) A professora de Direito Penal, Leticia Delgado, faz um estudo sobre as mortes violentas registradas na cidade por meio do perfil das vítimas. (...) Na avaliação dela, a situação de violência em Juiz de Fora é grave. Em seu estudo, Leticia Delgado se baseou em dados do Ministério da Saúde e descobriu que, de 2001 a 2014, o aumento da média nacional de assassinatos foi de 24% e a de Minas Gerais, 100,4%. Em Juiz de Fora, contudo, o aumento foi mais de 330%, mais que o triplo do estado. (Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/chega-a-100-numero-de-pessoas-mortas-em-2017-em-juiz-de-fora.ghtml>>). Acesso em: 08 de março de 2018).

Neste sentido, a escola se torna responsável por promover um local de segurança e lazer para seus alunos, além de conscientizá-los prevenindo a violência com o intuito de promover o bem estar entre os adolescentes e a comunidade ao redor.

Durante minha vivência no colégio Patrus foi possível notar que todo o corpo docente é preocupado com esta questão de violência, pois tanto professores quanto funcionários relatam que alguns alunos estão expostos em “situações de risco” e à violência no meio em que convivem. Esta ameaça às formas lúdicas de sociabilidade não estão, contudo, restritas às ruas, apresentando-se também no âmbito das instituições de ensino.

Uma situação tem virado rotina nas escolas de Juiz de Fora: adolescentes vão para as instituições de ensino e, em vez de estudar, brigam. Na maioria dos casos as confusões são filmadas e se espalham pela internet. Em Juiz de Fora, a filha da vendedora Cristiane Aparecida foi uma das vítimas. Agora, a adolescente de 13 anos não quer voltar à Escola Estadual Sebastião Patrus de Souza, no Bairro Santa Terezinha, por medo. A menina já ficou mais de uma semana sem ir ao colégio. (...) A briga ocorreu na saída da Escola Estadual Sebastião Patrus de Souza depois de um desentendimento entre a menina e outras alunas. A estudante tinha acabado de descer por um escadão quando foi abordada por outras meninas. As cenas da agressão se espalharam pela internet. A vítima precisou de três pontos na cabeça. As envolvidas na confusão receberam quatro dias de suspensão, mas já voltaram a estudar. (Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/11/ela-passa-noite-chorando-diz-mae-de-aluna-agredida-em-saida-de-escola.html>>. Acesso em: 08 de março de 2018).

As escolas vêm tomando medidas de prevenção e inclusão para diminuir o índice de violência e aproximar os alunos como programas de lazer, semana do “*circuito dos saberes*”, ou a *batalha poética*, onde os alunos do ensino médio falam sobre temas de violência, bullying, preconceito e se juntam para explorar seu lado criativo e expor toda a sua dificuldade, orgulho, percepção do seu meio social em poesia.

Sendo assim, a escola desenvolve um papel de segurança e oferece aos alunos lazer e sociabilidade fora da sala de aula, mesmo nos momentos de descontração ocorre um aprendizado e a possibilidade de diminuir a violência dentro e fora da instituição.

## 2.1 Recreio como atividade escolar

É inevitável o surgimento de dúvidas e questionamentos do recreio enquanto atividade escolar, pois em muitas escolas é um momento livre, podendo surgir situações de conflito, gritarias entre outros comportamentos de risco e considerados com pouca finalidade educacional. Muitos educadores e pesquisadores questionam o que pode ser aplicado durante este intervalo, como utilizá-lo de forma didática para que seja incluído como proposta pedagógica e qual proposta introduzir para os alunos. Em contrapartida temos a questão: o recreio deve ser controlado? Silva (2012) discorda da necessidade de controlar ou impor atividades dirigidas, afirmando:

Porém, independentemente da existência ou não de uma proposta específica para o recreio, o tempo destinado (...) nos indicam que o modo como ele é organizado, intencionalmente ou não, constitui uma proposta! Intenção ou falta dela que também educa, pois ensina às crianças modos de ser e agir. (SILVA, 2012, p.92).

E também justifica o motivo do descaso sobre a importância do recreio para muitos educadores

A falta de clareza nos registros, também nas propostas, bem como sobre quem são os profissionais que acompanham as crianças durante seus recreios, sugerem certa desconsideração até menosprezo em relação a esse momento da rotina escolar, porém quando da organização do calendário escolar o tempo destinado ao recreio geralmente aparece incluso no cômputo das horas totais atribuídas ao trabalho pedagógico. (SILVA, 2012, p. 93).

Posto isso, podemos inferir que não há necessidade do recreio ser uma atividade controlada ou engessada, pois a própria liberdade e espontaneidade, dentro de um certo limite, que deve ser construído, aprendido e negociado, faz com que os alunos aprendam a se relacionar socialmente, conviver em grupos, aceitar as diferenças do outro, explorar o seu local de ensino, se comunicar e se divertir em meio das obrigações escolares. Mesmo “livres” e sem roteiros os alunos são capazes de aprender, nesse pequeno intervalo de divertimento. Nas palavras de Paulo Freire “é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou de deformação, seja negligenciado” (1996, p.43).

Logo, é indispensável considerar, observar e analisar os espaços informais da escola com o intuito de se aproximar dos alunos e de suas vivências, assim como perceber este espaço como formador de conhecimento e socialização, sendo justamente o objetivo deste presente estudo, de observar a vivência e interação dos jovens do ensino médio no espaço escolar.

### **3. “TÁ NA HORA DO RECREIO” NO PATRUS**

Para o presente estudo foi acompanhado o recreio de ensino médio da escola estadual Patrus de Sousa e feito observação e registros etnográficos durante um ano no turno matutino. Minha inserção na escola ocorreu devido às atividades de iniciação à docência, no quadro das disciplinas de licenciatura do curso de Ciências Sociais, que possibilitou a experiência de me introduzir no ambiente escolar e poder observar como é aplicado o método de ensino escolar, assim como é a vivência e relação entre professor e aluno.

Durante esta experiência na escola, apesar de toda rotina estressante e regrada da sala de aula, é impossível não notar o momento mais aguardado pelos alunos: o recreio. Em todas as aulas que antecedem o recreio (o terceiro horário) é possível notar a grande excitação e ansiedade dos alunos para o sino bater. Alguns alunos do primeiro e segundo ano (geralmente os conhecidos como os “bagunceiros do fundão”) imitam o som do sino batendo para chamar a atenção do professor e dos alunos de classe que este momento está chegando ou até mesmo uma tentativa de encerrar aquela aula para irem logo para o pátio.

Considerando então esse momento tão esperado pelos alunos, comecei a me interessar e querer observar mais de perto essa rotina do recreio dos alunos com o intuito de analisar este interesse, saber o que fazem e como se relacionam durante esse período e como este momento (relativamente pouco abordado nos estudos da área da educação) pode ser um momento crucial para o desenvolvimento dos alunos, um momento livre, porém, que favorece a aprendizagem em seu sentido amplo.

#### **3.1 Recreio: “a interação na vida cotidiana”**

A Escola Estadual Sebastião Patrus de Sousa é situada no bairro Santa Terezinha em Juiz de Fora - MG, bairro situado na zona nordeste do município. O colégio possui em média 346 alunos matriculados do ensino fundamental (sexto ao nono ano), 1002 alunos matriculados no ensino médio, 240 alunos matriculados no EJA (educação de jovens e adultos), 106 funcionários e 70 professores. (Fonte: Censo Escolar/INEP 2017).

A escola possui uma estrutura com 19 salas de aula, infraestrutura básica para os alunos, biblioteca, laboratório de informática para os alunos e uma quadra de esportes coberta. No recreio os alunos utilizam todo o espaço externo da escola fora dos corredores e sala de aula. Seja pelo fato do pátio principal com a cantina que oferece a merenda não ser tão grande em relação a quantidade de alunos do ensino médio (em média 600 alunos do turno matutino), seja por preferências pessoais, os alunos se distribuem em todos os espaços permitidos, como a área descoberta próximo ao portão da saída.

Assim como qualquer interação social ou processo de sociabilidade, é necessário analisar o recreio através dos aspectos sociais e a realidade em que os alunos, professores e a escola estão inseridos. Por este motivo sempre surgirá a dúvida de definir o recreio, pois cada escola possui perspectivas e realidades diferentes, sendo possível analisar um comportamento diferente do outro, assim como gírias, atividades, assuntos e entre outros aspectos.

Peter Berger e Thomas Luckmann (1966) possibilita a compreensão do processo de interação social analisando-a sob as perspectivas do contexto social, cultural, econômico de sua produção. A construção social da realidade se torna possível através do homem como construtor do próprio conhecimento de realidade, pois ocorre a relação entre o pensamento e o contexto social no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim para os autores, o conhecimento da realidade consciente é um produto da sociedade, tal conhecimento é produzido através da relação entre indivíduo, “mundo social” e a percepção de mundo que o indivíduo possui. Ou seja, existem “várias” realidades e “mundos”, no entanto o indivíduo vai obter o seu conhecimento de mundo através da sua percepção e do meio em que está inserido, criando assim seus valores, ideais, objetivos moldados por fatores sociais de seu convívio próximo.

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do "aqui" de meu corpo e do "agora" do meu presente. Este "aqui e agora" é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é "aqui e agora" apresentado a mim na vida cotidiana é o *realissimum* de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes "aqui e agora". Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que se acha ao meu alcance, o mundo em que atuo a fim de modificar a realidade dele, ou o mundo em que trabalho. (...) Deste modo é meu mundo por excelência. (BERGER & LUCKMANN, 1966, p. 39)

De acordo com este trecho de Berger e relacionando ao recreio e a vida escolar, percebe-se que este processo de construção de interação social ocorre mediante o indivíduo (no caso o aluno, com sua percepção de realidade e o meio de convívio social) capaz de discernir seus valores e ideais. Os grupos por sua vez são responsáveis por agregar ideias em comum, como também formas de agir, se comportar, se comunicar e relacionar entre si. Portanto, os assuntos durante o recreio, a linguagem, gírias que são faladas tudo está relacionado ao tempo e espaço que convivem.

Durante este intervalo é possível perceber que os alunos se relacionam entre si, formando pequenos grupos, e se comunicam com uma linguagem própria, através de gírias: as meninas chamando os paqueras de “*crush*” (uma “*queda*” ou “*paixonite*”), os meninos se referindo às meninas como “*aquela menina é 10 de 10*”, “*aquela mina é top*”, além de outras gírias como “*mano*”, “*brother*”, “*vey*”, “*sextou*” comuns nas conversas entre amigos utilizado no cotidiano dos alunos. Em muitos casos os professores não compreendem ou não fazem ideia do que significa essas gírias utilizadas pelos alunos, alguns tentam entender o que significa e se interagem, e até usam estes termos em sala de aula para descontrair utilizando seus “*códigos*”.

Percebendo as “*formas*” de linguagem que os alunos adotam, perguntei a uma aluna do terceiro ano do Ensino Médio (L.S.F., 17 anos) sobre esta questão da comunicação entre seu grupo de amigos: “*Ultimamente eu e minhas amigas comentamos muito sobre acontecimentos da internet e nos comunicamos muito por memes<sup>2</sup>, às vezes sem perceber já estamos reproduzindo e conversando por meio de memes da internet e todas nós rimos e interagimos pois estamos por dentro do assunto, quem não entende fica “boiando” e aí temos que explicar ou mostrar pra pessoa entender e poder interagir com a gente.*”

A vida cotidiana é, sobretudo a vida com a Linguagem e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana. (...) A linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta. (...) O destacamento da linguagem consiste muito mais fundamentalmente em sua capacidade de comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade “aqui e agora”. Participa desta capacidade justamente com outros sistemas de sinais, mas sua imensa variedade e complexidade tornam-no muito mais facilmente destacável da situação face a face do que qualquer outro (por exemplo, um sistema de gestos).

Deste modo, a linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes. (BERGER & LUCKMANN, 1966, p.57)

<sup>2</sup> Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. (Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>).

Portanto, para a constituição da realidade da vida cotidiana, sempre será necessária a relação com o outro, e essa relação é possível fundamentalmente por conta da linguagem. Ela se torna fundamental na interação pois é responsável por transmitir o conhecimento e a capacidade de falar de si mesmo e com os outros.

Não somente a linguagem falada é fundamental para a interação social, como também a linguagem não dita, seja por sinais, corporal ou facial os alunos conseguem se comunicar entre si somente com expressões ou gestos. Durante o momento de interação em grupo as expressões faciais são utilizadas como uma ferramenta de comunicação, como por exemplo, os garotos começam a se cutucar, acenar com a cabeça discretamente quando passa alguma menina que os interessa, ou quando passa um grupo de meninas “rivais” de outras e elas se comunicam com expressão de desgosto ou deboche. Outra situação recorrente foram as expressões de impaciência para as amigas em face à abordagem de algum garoto inconveniente, tentando comunicar-se com elas para ajudá-la a sair da situação. Entre outras situações, como um olhar de paquera, aprovação daquela piada engraçadíssima com gargalhadas altas, gestos corporais e etc.

Este momento de lazer e informalidade para os alunos permite a liberdade de comunicação verbal e corporal possibilitando o reforço da interação social. Por este motivo, Berger e Luckmann (1966, p. 47) ressaltam a importância da experiência de estar face a face com o outro para a concretização efetiva da interação social, justamente por ser “plenamente real” o contato social e a possibilidade de se expressar, não somente por palavras mas também por expressões faciais, corporais e emoções que podem ser retribuídas pelo outro, sendo essa retribuição a troca de conhecimento e vínculo entre as pessoas para o convívio social.

### **3.2 Grupos**

É possível perceber que independente da série, todos os alunos se distribuem em grupos durante o recreio. Seja em grandes grupos, duplas ou trios, eles sempre estão se interagindo com alguém e andando juntos, o recreio proporciona, assim, a ampliação da interação pois não só podem se relacionar com o seu grupo de sala de aula como também com diferentes grupos de outras turmas e que possuem algo em comum.

Segundo a concepção de Pichon-Rivière (1994) um grupo pode ser identificado como conjunto de indivíduos “ligados entre si por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade.” (p. 177) Ou seja, o grupo pode ser definido como pessoas que compartilham algo em comum ou um objetivo em comum e criam um vínculo devido essas similaridades. Este vínculo para o autor seria a relação do sujeito e um objeto em comum mediados por comunicação (linguagem), ou seja, o conhecimento mútuo.

Em conversa com a professora de Filosofia e observação durante as aulas, o encontro de diferentes turmas, no recreio, deve-se a grande rotatividade dos alunos em turmas diferentes. Uma das estratégias da escola, para contornar situações de indisciplina durante as aulas, como conversas frequentes e cumplicidades construídas é a separação de grupinhos que se formam em sala, distribuindo-os em turmas diferentes. Tal estratégia, de acordo com a referida professora, é utilizada tanto para que o desempenho do aluno seja melhor quanto para favorecer o momento de ensino/aprendizagem em sala. Porém nem sempre funciona, o nível de interação desses alunos é tão grande que mesmo em classes diferentes eles se enturmam e formam outros grupos e geralmente convivem bem com toda a turma nova e, na hora do recreio, se juntam com a antiga turma para colocar o papo em dia.

Porém, assim como ocorrem encontros, temos os desencontros. Os grupos são formados por similaridades entre os indivíduos, em contrapartida, quando existem um estranhamento entre as pessoas, acontecem os desencontros entre grupos. Muitas vezes as rixas entre os grupos são sem motivo aparente, apenas por julgar pela aparência ou por compartilhar ideias diferentes ou por questão de paquera.

Ao conversar com os alunos sobre as rivalidades entre os grupos, R.W.S. (segundo ano, 16 anos) disse que não conversa com alguns colegas de sua turma por conta de desencontros em discussões em aula de Filosofia e Sociologia, segundo ele estas aulas propunham debates onde opiniões de alguns colegas era “totalmente errada” e ocorreu uma pequena briga, onde acabou cortando relações com estes colegas.



A aluna I.B.R. (terceiro ano, 17 anos) relata que tinha uma amiga muito próxima desde criança, entraram juntas no Ensino Médio mas foram afastando e acabaram ficando em grupos diferentes. *“Nossos grupos são bem diferentes agora, ela tem um estilo mais ‘rockeira/emo’, anda junto com a galera que vai beber vinho na Praça Antônio Carlos nos finais de semana. Meu estilo e das minhas amigas é mais sertanejo, ir na festa country e festas assim. Acabou que fomos nos desencontrando nisso e não participamos mais do mesmo grupo.”* disse a aluna.

A aluna G.K.A. (segundo ano, 16 anos) explica que se afastou do grupo de amigas por uma colega ter se envolvido com seu ex-namorado, todas se desentenderam e hoje ela julga seu grupo como *“bando de falsas”*, considerando que foi uma traição o ocorrido.

Entre esses encontros e desencontros os grupos na escola funcionam bem, durante a minha vivência não observei nenhuma briga entre eles no horário do recreio, somente as expressões de deboche, desafio e indiretas para justamente alfinetar, porém cada grupo se distribuía em lugares diferentes e aproveitavam o momento do intervalo entre si.

### **3.3 “Tá na hora da merenda”: Alimentação e interação social**

Comer, segundo a perspectiva de Henrique Carneiro (2005), é um dos fatores fundamentais para a promoção da socialização. Por ser uma necessidade básica não percebemos como a alimentação contribui para a interação social. Já parou para pensar naquele almoço de domingo em família que sempre ocorre uma desavença e o momento de comer une todos os componentes como se nada tivesse acontecido? Ou até mesmo que essas reuniões em família e amigos sempre vem acompanhado do ato de se alimentar?

Na escola não seria diferente, um dos motivos para o recreio ser tão esperado pelos alunos é justamente a hora da merenda. Às 09:30 quando inicia o intervalo é servida a comida para os alunos, na cantina sempre colocam o cardápio da semana e são pratos variados: feijoada, carne moída, feijão tropeiro, canjica, macarrão, sopa e até mesmo em dias especiais cachorro quente. Nas aulas do terceiro horário a turma 3MA observei que os alunos pediam a professora de Sociologia para sair minutos antes do sino bater, saíam correndo para a merenda e poderem *“almoçar”* sem ter que ficar na fila enorme.

O espaço da cantina não é tão grande, são duas mesas largas e todos os alunos sentam juntos, algumas vezes os alunos comem em pé ou na área externa para ter mais espaço. Nessa fila para pegar o prato de comida muitos alunos se interagem, seja para conversar sobre o prato ou sobre assuntos do dia-a-dia ou até mesmo para falar com o colega da frente *“tá furando fila, pode voltar!”* Na mesa para se alimentar, também se comunicavam independentemente de grupos, aquele momento de alimentação unia todos os jovens, uma vez que estavam bem próximos.

Como este momento gera tanta animação entre os alunos, procurei saber mais sobre este processo. De acordo com uma das professoras com a qual conversei, em alguns casos estes alunos só têm esta oportunidade para se nutrirem seja por condições financeiras da família, seja por estarem já no ritmo de trabalho após a escola.

### **3.4 Se despedindo do recreio e da escola**

O recreio também serve para ampliar formas de recreação e interação com os alunos. Entre minhas observações pude observar um evento ocorrido na escola destinado aos alunos formandos, ou seja, que estavam concluindo o terceiro ano do Ensino Médio, próximo do encerramento do ano letivo (dia 11 de novembro de 2017). Neste dia, o SESC junto com uma estação de rádio local montou um stand, com um Dj no pátio e propuseram várias atividades recreativas além de bastante música, dentre as quais se destacou a realização de um *“quiz game”*, onde quem errasse as perguntas levava *“torta na cara”*. Os alunos ficaram eufóricos, e apesar de destinada aos alunos formandos, a comemoração envolveu todos. Além disto, houve a realização de um debate, entre os alunos do 3MA, no estilo de um Café Filosófico, a respeito do tema *“felicidade”* Os alunos levaram uma contribuição para o café que foi servido, com bolos e biscoitos e aproveitaram o momento para se despedirem e compartilharem as expectativas que tinham para o novo ciclo de estudos e de vida que iriam vivenciar.

Ambas propostas utilizadas para o recreio foram bem sucedidas e é importante que os professores utilizem esse momento para se aproximarem mais dos alunos e também observar esse processo de sociabilidade e lazer que estes quinze minutos oferecem.

#### 4. ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA

No decorrer deste estudo e da observação na escola percebi que os alunos não interagiam somente entre si durante o recreio, a interação social transpassava o pátio e cantina se estendendo à biblioteca. Muitos alunos aproveitavam este intervalo para ir para a biblioteca conversar com a bibliotecária Simone, e algumas vezes, além da conversa, a ajudavam na organização dos livros ou mesmo na decoração. Essa aproximação dos alunos me interessou bastante, afinal como surgiu esse interesse de visitar a biblioteca no momento livre? Como ocorreu essa aproximação? Por essa razão foi realizada uma entrevista para esclarecer essas dúvidas.

Simone possui oito anos de experiência na área da educação, o primeiro contato com o Patrus foi como aluna, formou o ensino médio na escola e anos depois se formou em Pedagogia. Seu objetivo era fazer a prova de concurso do estado e retornar para a escola e assim aconteceu. *“Eu nem imaginava que fosse reviver ali mais uma experiência tão gostosa naquele local onde convivi e fui tão bem recebida.”* disse Simone ao retornar como cargo de bibliotecária.

Após assumir o cargo Simone relata que teve bastante dificuldade para organizar a biblioteca, sendo que desde a sua época de estudante o lugar sempre esteve desorganizado e deixado de lado.

*“No meu “tempo de escola” me lembro de ter entrado na biblioteca poucas vezes, sempre estava de porta fechada, nem me lembro muito bem do profissional que atendia aos alunos. Quando fui rever a biblioteca, já como bibliotecária, fiquei surpresa com a quantidade de livros que se desencontravam em torno das prateleiras antigas, muito material espalhado, já sem utilidade, mas que poderia ser útil se bem administrado. Simultaneamente ao sentimento de pavor de ver tanta coisa, me despertei em uma imensa vontade de mudar tudo, já fui olhando e imaginando o que poderia ser feito para transformar aquele ambiente obscuro em um lugar agradável e prazeroso, típico de uma biblioteca. Já imaginava o trabalho que eu teria, também sabia que sozinha seria impossível organizar aquele ambiente. Mas comecei por partes, e muitas vezes minha ansiedade em querer mudar a “cara” do lugar me fazia ficar frustrada por não ter tempo suficiente para conseguir.”*

A demanda de alunos era muito grande e ainda tinha bastante trabalho a se fazer para “reformular a biblioteca” do jeito que ela queria, no entanto, no meio dessa confusão Simone começou a solicitar ajuda dos alunos que se apresentavam disponíveis para contribuir. No início do ano algumas turmas ainda não tinham todos os professores, então os alunos saíam cedo, ou ficavam sem aula, a bibliotecária vendo essa possibilidade, conversou com a direção e ficou acordado dos alunos irem nesses horários ociosos para a biblioteca ajudar. *“Em um mês conseguimos mudar o visual da biblioteca, organizamos os livros didáticos por disciplina e fomos montando os kits. Passei uns três meses para conseguir entregar tudo e acabar de organizar, eram dois “quartinhos lotados de livros”, muito trabalho!”* disse Simone.

Depois da entrega dos livros o próximo passo da bibliotecária e seus alunos ajudantes foi decorar o ambiente com trabalhos manuais, todo material levado pelos alunos era valorizado, ganhando o seu lugar na biblioteca.

*“Criamos um grupo de alunos que ajudavam sempre na biblioteca, partindo deles e da minha vontade de ver tudo organizado, fizemos mutirões e fomos ajeitando tudo, trocamos móveis de lugar, a biblioteca criou uma nova “cara”, como diziam os alunos. Encerrei o ano de 2016 com o espaço bem organizado e eu sempre contava com a ajuda da bibliotecária do turno da tarde, ela é uma pessoa extremamente organizada e também compartilhava das mesmas ideias que eu. Juntas conseguimos mudar muitas coisas!”*

No ano de 2017 Simone retornou e continuou com o seu trabalho e com novos projetos para a biblioteca. Todo ano a coordenação do Patrus faz um trabalho com os alunos intitulado *“Patrus além dos muros”*, que consiste na elaboração e aplicação de um projeto fora da escola, aproveitando esta iniciativa da escola, Simone logo viu uma oportunidade de fazer na biblioteca, todos aprovaram a ideia e se iniciou mais um trabalho de melhoria para o local.

*“A princípio fizemos um esboço do que faríamos e os materiais necessário, buscamos na escola o que poderia ser útil de ferramentas e acessórios, o resto os alunos juntaram e se organizaram para comprar. Tudo partiu deles, inclusive a estipulação de valores para cada contribuição porque a escola não tinha condições financeiras de ajudar.”*

Com ajuda dos alunos e funcionários tiveram a ideia de pintar a biblioteca e fazer uma mudança física das estantes, armários e prateleiras. Foram vários mutirões e contou bastante com o envolvimento dos alunos do turno da manhã, os alunos levaram tintas, pincéis rolos que arrumavam emprestado em suas residências e também doações. Depois que pintaram as paredes, levantaram a possibilidade de pintar todas as prateleiras, os alunos desmontaram e pintaram todas da mesma cor e foram fixadas na parede abrindo o espaço da biblioteca, todas foram alinhadas para ficar visualmente mais bonito e organizado. Sobre este trabalho Simone afirma:

*“Foi um trabalho incrível e bem demorado, me fez perceber como os alunos são competentes e como o trabalho em equipe é forte. A direção da escola comprou as tintas para a pintura das prateleiras e os alunos se encarregam de trazer de casa todo o material necessário para fazer as modificações, eram parafusos, furadeira, parafusadeira, lixas...”*

Após este árduo trabalho em equipe, o ano foi finalizado com uma festa de reinauguração da biblioteca, a direção ofereceu um café da manhã para todos os alunos que se uniram para realizar aquele trabalho. *“Fim de ano letivo com a certeza de dever cumprido e a emoção de ter despertado a sensibilidade naquele grupo.”*

Sendo assim, diante desse empenho na reinauguração da biblioteca e o reconhecimento que Simone estava dando para os alunos, foi-se criando um elo de amizade, o ambiente agradável da biblioteca também foi os instigando para frequentar mais o lugar e a estimulação da leitura foi aumentando cada vez mais, tanto pelo ambiente restaurado quanto pela presença da bibliotecária. Para os alunos, estes projetos era justamente a chance de se mostrar útil e presente no espaço escolar, assim também como um momento de lazer, pois eles se relacionavam não somente com seu grupo mas com alunos de diferentes turmas.

Uma das queixas dos alunos era que na biblioteca não tinha livros atuais, foram feitos vários movimentos e conseguiram arrecadar dinheiro para comprar mais vinte livros que foram escolhidos pelos próprios alunos através de uma lista de sugestões que ficava na mesa de entrada. Logo depois da aquisição desses livros, Simone criou uma “Biblioteca Itinerante”; uma vez por semana, durante o recreio, em alguns pontos do pátio da escola era colocado cartazes incentivando a leitura, despertando assim a vontade dos alunos de ler mais e o aumento dos empréstimos dos livros.

Ao perguntar sobre o fato dos alunos aproveitarem o horário do recreio na biblioteca, o que os motivava a visitarem este espaço além desse elo de amizade criado, Simone relata:

*“O único horário que os alunos podiam ficar na biblioteca era durante o intervalo para o recreio, ou quando os professores faziam suas aulas lá no espaço. Como tinha uma boa estrutura e comportava muitos alunos de uma só vez, e também tinha sala de vídeo, depois das reformas, os professores começaram a usar e explorar mais. Na hora do intervalo a biblioteca ficava cheia, muitos alunos pegavam livros emprestado, outros me solicitavam ajuda em algumas pesquisas, ou ideias, sugestões ou até mesmo uma conversa, era sempre muito agradável a presença deles. Eu nunca limitei nenhum espaço, tudo que havia lá era muito acessível a todos e eles sempre cuidaram com muito carinho. Acho que a responsabilidade de cuidar que eles criaram foi fruto da liberdade que confiei a eles. As visitas à biblioteca foram ficando cada vez mais frequentes, lá eles percebiam um espaço de apoio aos estudos, e que eles eram os maiores cuidadores de tudo. Todas as aulas vagas, nos momentos oportunos, eu atendia um grupo de alunos. Muitas vezes abri a biblioteca aos sábados para eles se encontrarem e realizarem suas tarefas em grupo, inclusive eles foram diversos sábados no mutirão para ajudar na reforma.”*

Com todo esse interesse com os alunos, perguntei para Simone se ela percebia como os alunos se relacionam durante o recreio e se já percebeu algo interessante neste momento. Em resposta Simone:

*“Como tudo acontecia mais nos horários do recreio, eu sempre estava com a biblioteca de portas abertas os recebendo e ajudando em tudo que estava ao meu alcance. Vi naqueles poucos minutos do recreio muitas amizades sendo criadas, muitos assuntos interessantes sendo discutidos, por diversas vezes participei das conversas aconselhando, amparando e, às vezes, tentando mostrar outros pontos de vista sobre determinados assuntos e acontecimentos. Digo com propriedade que o recreio é um momento importante em que os alunos discutem, se conhecem melhor, ampliam seus laços e conseguem através das interações romper muitos conflitos e se organizarem, desorganizarem, para buscar novas possibilidades de se organizarem novamente. Nesses dois anos de convívio, nunca presenciei*

*nenhuma briga entre eles, principalmente na biblioteca, nunca precisei fazer nenhuma reclamação na direção, ao contrário, eu só conseguia elogiá-los porque tudo que consegui foi com a união e força de cada um.”*

Infelizmente nesse ano de 2018 Simone não conseguiu retornar para o Patrus, mas pretende em breve retornar para a escola e continuar o trabalho almejado e incentivar mais os alunos a se empenharem pelas causas da escola, pois segundo ela “*só assim conseguimos mudar algumas realidades!*”

## 5. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo destacar o recreio como atividade necessária de lazer no espaço escolar, que deve ser reconhecido como momento propulsor de vivência e experiência pessoal onde possibilita aumentar o conhecimento do indivíduo por meio da sociabilidade e formador de identidade.

O recreio é banalizado justamente por ser uma atividade informal em um local de aprendizado, contudo, se este momento pode ser entendido pela ausência de forma, pode também representar uma ruptura que é necessária, com potencial para a criação de novas formas de interação entre os alunos.

Muitos educadores como Barbosa (2006:172) questionam este momento de intervalo, considerando-o como momento “perigoso” e carente de proposta pedagógica, no entanto é preciso considerar que a escola não é fornecedora apenas do conhecimento técnico-científico, a escola é preparo para vida cognitivo e social e este momento de lazer aumenta a capacidade de interação com diferentes pessoas e diferentes grupos.

Esta vivência no Patrus foi necessária justamente para abrir os olhos para aquilo que não é óbvio e faz total diferença, em outros espaços além da sala de aula também é possível adquirir conhecimento. Assim podemos considerar a escola para além da sala de aula, é fundamental para se construir práticas de sociabilidade e lazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes, Petrópolis, 1976.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força – rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. **Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças**. Paidéia, 2008, 18(39), 41-52.
- HAVIGHURST, R.J. **Human development and education**. New York, David Mckay Co., Inc, 1953.
- LIMA, J. S. **Um olhar sobre o recreio escolar**. Monografia (Especialização em Educação Infantil) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.
- NEUENFELDT, D. J. **Recreio Escolar: espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço?** Rio Grande do Sul, Lajeado: UNIVATES, 2005.
- PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

SILVA, A. C. C. **Infâncias em vinte minutos! Histórias de reivindicação, insistência, resistência e (re)invenção no recreio escolar**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Chega a 100 número de homicídios em 2017 em Juiz de Fora**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/cheга-a-100-numero-de-pessoas-mortas-em-2017-em-juiz-de-fora.ghtml>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. **'Ela passa a noite chorando', diz mãe de aluna agredida em saída de escola**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/11/ela-passa-noite-chorando-diz-mae-de-aluna-agredida-em-saida-de-escola.html>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. **Significados Meme**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em: 26 de Abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar/IDEP 2017**. Disponível em: <<http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/31068861>>. Acesso em: 15 de março de 2018.